

Marcas & Negócios

BRASÍLIA RECEPTIVO

Turismo diferenciado explora DF e Goiás

Em um país de dimensões continentais e paisagens diversas, o turismo receptivo tem se consolidado como uma ferramenta estratégica para valorizar destinos nacionais e fortalecer a economia local. No coração do Brasil, Brasília e o estado de Goiás emergem como polos de experiências autênticas, cultura vibrante e belezas naturais que ainda são pouco exploradas por muitos brasileiros.

Brasília, mais do que a capital do país, é a materialização de um projeto nacional que une história, arte e inovação, com sua arquitetura icônica e paisagens naturais pouco exploradas. A poucos quilômetros, Goiás complementa esse cenário com sua rica diversidade cultural e natural.

Juntas, as regiões formam um eixo turístico estratégico, pronto para ser redescoberto por viajantes do próprio país. Foi justamente percebendo esse potencial e a necessidade de promover experiências mais significativas que surgiu a Brasília Receptivo, empresa comprometida em revelar o que há de mais autêntico e encantador nesses destinos.

“A ideia de criar a Brasília Receptivo surgiu em 2023, com o objetivo de promover o turismo na capital do Brasil, e oferecer experiências maravilhosas para os visitantes, mas isso não estava disponível em uma prateleira aos visitantes e às operadoras”, conta Karine Câmara, diretora e sócia-executiva da marca.

De acordo com a empresária, a iniciativa focou em valorizar a

cultura local, a arquitetura e os pontos turísticos da cidade. Ela ressalta que a marca se consolidou como um projeto para integrar e organizar o setor de turismo, envolvendo agências, guias e prestadores de serviços. “O conceito é promover um turismo sustentável e de qualidade, destacando a importância da cidade como um destino turístico único, devido à sua história e design urbanístico de Oscar Niemeyer e Lucio Costa”, explica.

O estado de Goiás entrou no circuito naturalmente, com cidades históricas e próximas à capital. Segundo Karine, os pacotes são desenvolvidos com base em experiências dos turismólogos da Brasília Receptivo, os estudos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), as próprias visitas nas experiências, estudos técnicos das Secretarias de Turismo, feedback de clientes e, ainda, uma compreensão das expectativas do mercado, visando transmitir a essência de Brasília e Goiás.

Por trás da marca está a trajetória complementar de três profissionais com expertises distintas, mas convergentes. A idealizadora do projeto tem formação em publicidade e marketing, com passagem de 15 anos na área de shoppings e, depois, no Sistema S. Durante sua atuação como secretária-executiva de turismo, teve o insight que deu origem à empresa.

A ela se uniram Levi Barbosa, da Decolando Turismo, com mais de três décadas de atuação no setor, e Ricardo Soares, da Solução Trans-

Divulgação



Três perguntas para

KARINE CÂMARA, diretora e sócia-executiva da Brasília Receptivo

Qual foi o ponto de partida para iniciar o negócio?

Quando fomos tentar captar a Abav Expo (evento que reúne players do setor de turismo) para Brasília, apresentamos a capital para as operadoras. Um dos maiores grupos de turismo do Brasil falou que a Brasília que estávamos apresentando era surpreendente e que nem ele conhecia. No entanto, não teria como virar um produto de prateleira das operadoras, pois não havia um receptivo que operasse localmente.

Como a Brasília Receptivo consegue aliar conforto, exclusividade e cultura em um só pacote?

Na elaboração dos nossos roteiros buscamos conversar com todos os nossos parceiros

para entender qual a cultura que podemos incluir em nossas experiências e, assim, planejar com serviços de alta qualidade, com guias experientes e experiências autênticas que refletem a cultura local.

Como vocês veem o papel do turismo receptivo na valorização cultural e no desenvolvimento local?

O turismo receptivo pode ser fundamental na valorização cultural, promovendo a economia local, preservando tradições e criando uma conexão entre visitantes e comunidades. Prestigiamos em cada roteiro a riqueza da cultura local em seus detalhes, desde a gastronomia, arquitetura, hábitos, história, artesanato, experiências e as vivências das comunidades.

junção de experiências tem sido fundamental para consolidar uma operação sólida e diferenciada no turismo receptivo do Centro-Oeste.

“Os nossos sócios vêm de uma grande vivência dos ensinamentos que a pandemia nos deixou. O Levi com a Decolando Turismo trouxe a experiência de termos uma empresa com operação enxuta e buscando os diferenciais; e o Ricardo, com o Solução Transportes, trouxe a expertise em logística e veículos preparados para termos todo conforto para os nossos clientes”, complementa.

Karine recorda que os principais desafios desse começo, além da organização das rotas, foi a construção de uma rede de parceiros confiáveis. Entender as necessidades dos turistas, estabelecer uma marca em um mercado competitivo e credenciar a empresa nas principais agências de turismo e operadoras nacionais e internacionais também foram aspectos desafiadores.

Experiências

Karine enfatiza que a Brasília Receptivo tem muito a oferecer em termos de cultura, beleza natural e experiências únicas. “Cada visita pode transformar o olhar para esses destinos”, defende. Por isso, ela assinala que a marca possui a preocupação em oferecer roteiros personalizados, atendimento diferenciado e o compromisso de transformar cada viagem em descobertas marcantes.

Em dois anos de atuação, Karine lembra que um dos momentos mais emblemáticos envolveu o atendimento de um grupo de amigas de infância que veio conhecer a capital. “Mostramos uma Brasília que a mídia não mostra: da bela arquitetura, um pôr do sol único, a beleza dos nossos ipês, as fazendas de café, vinícolas, almoço na Torre de TV, café na deliciosa Casa de Chá e muito mais. Criamos uma experiência memorável que envolveu uma conexão especial entre todas e a cultura local”, celebra.

ARTIGO

» SILVESTRE GORGULHO

O Correio Braziliense, Cartaxo e Lenora — Como bem contar e recontar a história de Brasília

Todos eles estão no céu. Todos os que pensaram, lutaram, projetaram e construíram — tanto material como culturalmente Brasília — já estão em outro patamar. Do Marquês de Pombal, que em 1751 foi o primeiro a pensar na interiorização da capital, tirando-a de Salvador para o Planalto Central, passando por Hipólito José da Costa, por José Bonifácio de Andrada e Silva; pelo ministro de Indústria, Viação e Obras Públicas, Antônio Olinto Pires e Floriano Peixoto. Foi o segundo presidente do Brasil (1891 a 1894) que enviou Luiz Cruls e sua Missão, para escolher o sítio onde seria edificada a nova capital. Depois de demarcado o quadrilátero, como em um jogo de rezeamento, outros pegaram e passaram o bastão do sonho centenário.

O Marechal Pessoa, Ernesto Silva, Juca Ludovico e o maior deles, que pegou o touro a unha, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, cada deles cumpriu o seu papel. Sim, JK foi o personagem determinante por assumir pessoalmente a responsabilidade política, burocrática, financeira e cultural do empreendimento. JK foi além: ele escolheu os melhores entre os melhores para comandar o processo da construção: Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Bernardo Sayão, Íris Meimberg, Joaquim Cardozo, Ernesto Silva, Coronel Afonso Heliodoro, Burtle Marx, Alfredo Ceschiatti, Bruno Giorgi, Mariane Peretti e Athos Bulcão. Todos, com certeza, velam sobre a cidade de apenas 66 anos, que ainda está na planta da história.

Quando Hipólito José da Costa, no **Correio Braziliense**, em 1813, fez a primeira defesa da construção da capital no Brasil Central, outras cidades, como Londres e Paris, já faziam parte do mundo moderno. O Ocidente havia se constituído

depois da implosão do Império Romano e da grande sombra da Idade Média.

A representação, a cidadania e a Nação brandiam o seu lugar na Revolução Industrial que se avizinhava. A ciência e o saber ocupavam a grande cena do novo mundo. Os navios a vapor, os trens e a velocidade se anunciavam.

Em 1821, nas Cortes de Lisboa, os representantes do Brasil já defendiam a construção da nova Capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, no Planalto Central. Na Constituinte de 1823, José Bonifácio voltou a defender o projeto com mais ênfase.

Com mais ou menos densidade, mas ainda sempre no plano das intenções e dos conceitos, a ideia de Brasília encantou o historiador e diplomata Adolfo Varnhagen, de 1840/1877. Foi acolhida como política de Estado na primeira Constituição Republicana, em 1889. Já presidente da República em exercício, Floriano Peixoto instituiu a Comissão Cruls, em 1892, para fazer o primeiro estudo de campo para a localização do sítio onde seria edificada a Nova Capital. Naquele momento, o botânico francês Auguste Glaziou, que integrou a equipe do astrônomo e geodesta belga Luis Cruls, identificou e descreveu o local onde hoje é o Lago Paranoá.

Glaziou, considerado por Burtle Marx como o inventor do jardim tropical brasileiro, notabilizou-se no Rio de Janeiro como o paisagista da Quinta da Boa Vista e do Passeio Público, por sua amizade com Dom Pedro II.

Essas e outras instigantes histórias sobre Brasília, da sua origem até a inauguração em abril de 1960, estão sendo contadas numa elogiável série de ensaios publicados aos domingos aqui no **Correio Braziliense**.

Jorge Henrique Cartaxo, diretor de

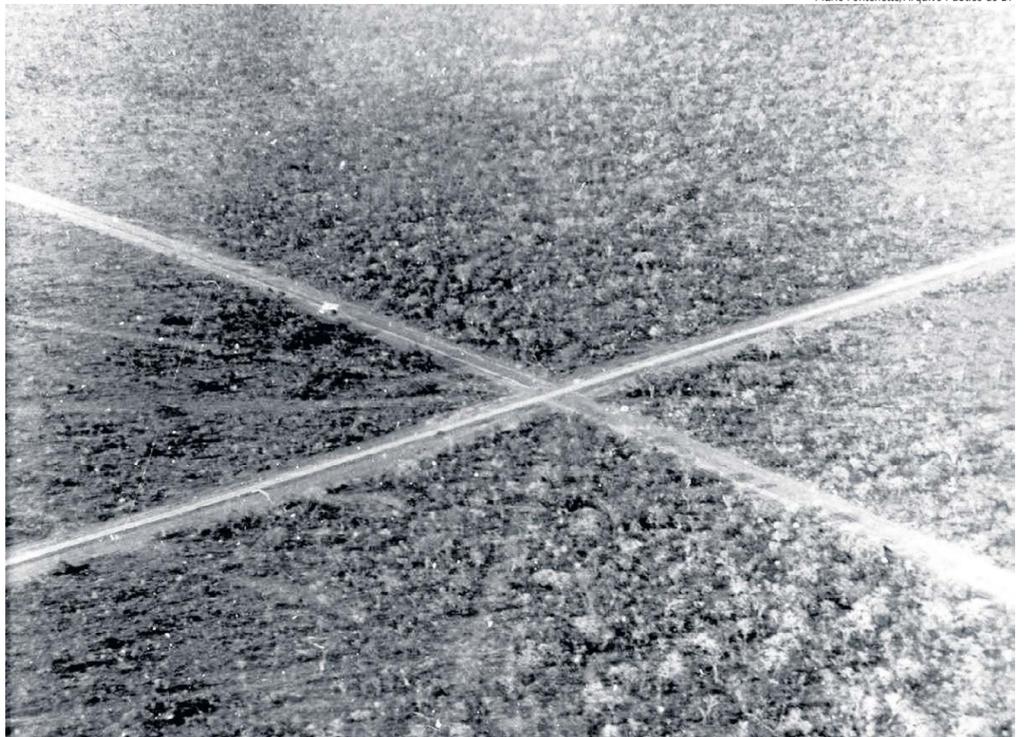


Imagem de Mário Fontenelle durante a construção de Brasília: o cruzamento dos Eixos e Rodoviária

Relações Institucionais do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), jornalista e mestre em história pela Universidade de Paris-Sorbonne; e Lenora Barbo, diretora do Centro de Documentação do IHG-DF, arquiteta e doutora pela Universidade de Brasília (UnB), começaram a elaborar esse projeto editorial em outubro do ano passado.

“A ideia era reunir, nesse ano de celebração dos 65 anos de Brasília, do **Correio Braziliense** e do IHG-DF, os fatos, as cenas e os atores que, ao longo da nossa História, pensaram, lutaram e edificaram Brasília no Planalto Central do Brasil”, explicam os pesquisadores Cartaxo e Lenora. E vão além: “Entre 1813 — quando Hipólito José da Costa se pronuncia pela primeira vez — e a inauguração de Brasília, por JK, em 1960, passaram-se

147 anos. Tudo o que trazemos em nossos textos já foi dito, escrito, registrado por alguém, por outros pesquisadores e historiadores. A nossa distinção, talvez, seja a forma de reunir esses fatos e registros, sublinhando cenas e personagens, buscando a sua contextualização histórica, permitindo, eventualmente, uma releitura sobre as origens da nossa cidade e do nosso tempo”.

Há ainda os perfis biográficos de Hipólito da Costa, José Bonifácio e de Auguste Glaziou. O papel de Humboldt, Saint-Hilaire e Varnhagen na compreensão geográfica — hoje geopolítica — do Planalto Central. Os debates sobre a nova capital em meio às permanentes tensões políticas e militares, de 1889 até 1930. O Estado Novo, Getúlio, a II Guerra e os generais Polli Coelho, Caiado de Castro e

o marechal José Pessoa, na construção de Brasília.

No **Correio Braziliense** desse domingo completam-se 25 artigos publicados. A série teve início em 20 de abril, véspera do aniversário de Brasília. No primeiro texto, *Os braços, o traço e a forma*, os pesquisadores definem como sentem a nossa cidade modernista: “Estética e poder. São essas duas palavras que, de certa forma, acompanham Brasília desde a sua concepção”.

Um lembrete: quem não acompanhou, vale garimpar e maratonar os artigos anteriores. A dupla Cartaxo e Lenora ainda tem outros 10 ensaios para os próximos domingos.

Silvestre Gorgulho é jornalista e ex-secretário de Estado de Cultura e de Comunicação Social do DF